

FERNANDO OSÓRIO



MULHERES
FARROUPILHAS

EDICÃO DA LIVRARIA DO GLOBO - PORTO ALEGRE



Fernando Luiz Osorio F.º
nasceu a 3 de Novembro de 1886, na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul. Filho do dr. Fernando Luiz Osorio, já fallecido, Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Formou-se com distincções em Direito na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, em 1910, sendo orador da turma.

Foi admittido como membro na Sociedade Internacional de Sciencia Social de Paris.

Viajou larga e longamente pela Europa. De regresso ao Brasil, estabeleceu-se definitivamente em Pelotas. Ahi desenvolveu a sua actividade civica, como presidente do Tiro Brasileiro. Foi primeiro director e organizador da Escola Prática de Commercio, professor da extinta Academia de Commercio, 1.º director da Escola de Artes e Officios, presidente reeleito da Bibliotheca Publica Pelotense, decano dos professores da Faculdade de Direito de Pelotas, onde leccionou Philosophia do Direito, Sciencia das Finanças e Direito Publico Internacional, de que é cathedratico actualmente. Occupa no Gymnasio Pelotense a cadeira de Philosophia.

Fernando Luiz Osorio F.º tem seu nome ligado a empreendimentos valiosos em sua terra natal. Foi elle que fundou na sua cidade o 1.º nucleo de Escoteiros do R. Grande do Sul.

Publicou grande número de obras sobre Historia, Politica e Sociologia.

MULHERES FARROUPILHAS

Mostra a ligação yodim da Mulheres Farroupilhas.

OBRAS DE FERNANDO OSORIO

Romance de Amor e de Heroismo (Fogo-Morto).
O Encanto dos Salões.
Traços Eternos do Rio-Grande.
Espírito das Armas Brasileiras.
Legenda Continentina (poemeto).
Sociogênese da Pampa Brasileira.
A Cidade de Pelotas.
Alencar e o Genio da Raça.
Historia do General Osorio.
A Balança e o Crucifixo.
Prestigio da Arte.
Gigante que cresce.
Santuário dos Livros.
A Sciencia da Justiça.
Novas Directrizes do Direito.
Sciencia Brasileira do Direito.
Ensino Superior Livre.
Chronologia Historica de Pelotas.
Livros e flores (escriptos e orações).
Figura e obra de Mauá.
Figura e obra de Joaquim Caetano.
O Destino Natural das Patrias Americanas.

A publicar — Rio Grande Mental (discursos e conferencias).
Lições de Direito Internacional.

FERNANDO OSORIO F.º

Da Academia Rio Grandense de Letras
Do Instituto Historico e Geographico do Rio G. do Sul e do Instituto
da Ordem dos Advogados Brasileiros. Professor Cathedratico da Facul-
dade de Direito de Pelotas.

MULHERES FARROUPILHAS



N.º 711

1935

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO
BARCELLOS, BERTASO & CIA. ← PÔRTO ALEGRE
← FILIAIS: SANTA MARIA E PELOTAS →

**O PAPEL DA MULHER
FARROUPILHA
E A SOCIEDADE DE 35**

O lindo thema que me attrahiu pelo seu refulgente encanto, irisado com o pó de ouro dos verendos foraes da gente avita de trinta e cinco, — a rigor, até hoje, não foi nos horizontes da arte, thurificado e exaurido nos seus louvores, engalanado com verdade e justiça, nos lineamentos de epopéa ou, siquer, na meia tinta da lenda, como nas minucias das locubrações severas da ressureição do passado, da analyse psychologica e, em summa, das coordenações que abrangem o pleno conhecimento da historia comprehendida como um vasto systema de incorporação social. Porque a verdade é que a historia creou no mundo pantheons para os homens “a cuja influencia subordina todo movimento universal”, mas quem, em devidas áras, em merecidos altares, celebrou os primores de altruismo, de “sainete divino”, no Rio Grande, os lances de devoção e de carinho, os sacrificios da mulher farroupilha, forte dentro do seu civismo e da sua fé, como as mulheres de Israel, elevando as tradições da raça numa obra inegualavel, porque esses sacrificios foram a “base de todos os mais”?

.. Quand on écrit des femmes, il faut tremper sa plume dans l'arc-en-ciel, et jeter sur sa ligne la poussière des ailes du papillon... e, oh! mães, esposas e filhas

que me ouvis, na communhão perfeita do affecto, como fertil poema, acima da minha palavra, vae transitar o thema na realidade da sua luz propria, sinão á musica dos vossos ouvidos, certo vibrando a harpa eólea ao sôpro da liberdade, em sentimentos á flux na grandeza de vosso espirito e no fervor lyrial das cordas de vossos corações enternecidos que trazem sempre a doce imagem e o retumbante écho do Amôr e do Brio nacional! Procurarei, desde que não posso suspender o fio das horas, no apertado limite de uma conferencia, colher-lhe a graça e o perfume, sob a inspiração deste canto:

“Terra minha e dos meus. Amo-te, assim, do fundo de minh’alma, Brasil, quanto se póde amar.
E é este amor immortal, de que todo me inundo, grande — como teu céo; puro — como teu ar.

E o thesouro maior do teu seio fecundo,
melhor que tua floresta e melhor que teu mar,
são tuas filhas, Brasil, as mais bellas do mundo,
do aroma da tua selva e alvura do teu luar.

E no céo desta terra, aberto ao vosso vôo,
gravei, minhas irmãs, de vós mesmas acima,
as palavras de fé com que vos galardôo.

E, abraçando, por fim, toda esta terra inteira,
ufano-me em cantar, na voz doce da rima
a belleza e o pudor da mulher brasileira!”

Não é, apenas, questão do passado, delle evocar as padroeiras do Rio Grande, que muito amor precisa, lançado dos vossos labios, dos vossos olhos, e, em jorros, do esteio da vossa fé, como outr’ora, no cyclo bretão, Isolda elevou, com a grandeza do infinito bem, a mulher pela razão e pelo direito; e, si Felippa de Vilhena armou os seus dois filhos com duas espadas, eu, tambem digo que, vós, continuadoras do escriptorio moral de preciosas tradições, para restaurar os homens do jugo das malquerenças, deveis, abrindo o vosso peito, armar, com a alma, os entes mais queridos, que ficarão sendo os cavalleiros da concórdia e da justiça, no Rio Grande do Sul e, a vossos pés, então, hão de, todos, exclamar: — Bemditas, mil vezes bemditas aquellas que, vigilantes e ternas, pelo alento da Patria e o breviario de suas glorias, descérram e inspiram, de um brilho de estrellas, as boas alegrias e repartem os estímulos de que os homens precisam para construir, solidamente, as acções nacionaes, sob a resplandecente influencia, unvida de dedicação e de grandeza, dos nobres ressaltos da *Mulher Farrroupilha!*

Rezam as quadras anonymas da Musa antiga do Sul:

Gosto muito das mulheres
Porque dellas fui nascido
E não quero que ellas digam
Que sou mal agradecido.

E’ que, senhoras minhas e senhores, foi ao aconchêgo, aspero e doce, dos modestos e sadios lares do Rio

Grande, foi do poder soberano desses lares, que nasceu, para a vida brasileira, um povo-paladino, vigilante de aspecto, de trabalhadores e patriotas, respirando a livre atmosfera de pampa e cochilha, na suggestão do pros-cênio e que, soffrendo a lei da sua posição, seleccionado em combate e acampamento, teve no culto do cavalheirismo heroico e no respeito poetico á Mulher, o maior titulo de orgulho da nossa raça, — porque soube guardar, no templo da sua moral antiga, a sentença do Thora hebraico: “Respeito á esposa na sua honra, á virgem na sua pureza, á mãe na sua autoridade, á viuva no seu desamparo“. Sempre prompto, como os guerreiros de Ossiam, a morrer pelo seu Deus e a sua Dama, no branco marmore da coragem dir-se-ia imprimisse os versos de Shiller: “Honrae as mulheres, que entretecem de rosas celestes a vida terrena!“ Porque é uma lei historica, que todos os grandes acontecimentos, senhores, começaram pela mulher que “inflamou, em todas as epochas, o verbo dos apostolos e cicatrizou a ferida dos martyres“.

Nunca, — citando Ruskin, — a coiraca da alma poderá estar bem ajustada ao coração, si a não afivelar a mão de uma mulher e quando, sómente, ella a aperta com indifferença, perde o homem a honra e as razões de viver. E' a mulher quem faz o operario bom. Eis como, da sua dupla aureola de pureza e ternura, de graça e delicadeza, asseverou Michelet que a Mulher quer dizer Creação!

Certos episodios da Revolução Farrroupilha “vão buscar na palheta do lyrismo a suavidade de tons profunda-

mente emotivos. Ha, ao lado dos lances épicos da bravura racial, factos que fulguram pelo heroismo silencioso da renuncia. Brilha, como uma gema preciosa, aquelle que se refere a uma velhinha que perdera todos os seus bens offerecidos á causa farrroupilha e que guardara um unico cavallo, que não cedia a ninguem, para quando Bento Gonçalves, libertado, renascesse no palco esmeraldino das campinas gaúchas, infinitas como o ceu da gloriosa e amada terra rio-grandense. Ella, a velhinha humilde, esperava o campeador da liberdade, como se as forças occultas do destino segredassem á alma patriota que o heróe sem macula surgiria na gloria de uma ressureição para continuidade das batalhas. Esse trecho do romance historico de 35 é digno de Cornelia, a mãe dos Grachos, que Roma viu despojar-se de suas joias para salvação da Patria. A matrona veneranda do passado, a anciã serena do civismo gaúcho, através o gesto formoso de abnegação representou a alma immortal do Rio Grande. Não do Rio Grande indomito, invencivel, bravo, das lutas e entreveros, mas do Rio Grande sentimental, heroico no soffrimento e na obscuridade, do Rio Grande das mães, esposas e filhas, do Rio Grande confessando-se a si proprio, do Rio Grande humilde na solidão da prece, do Rio Grande genuflexo ante o crucifixo, do Rio Grande chorando baixinho na beira dos campanarios para enxugar suas lagrimas com os farrapos da bandeira rio-grandense!“ (1).

(1) Conferencia, em Pelotas, Oswaldo Barlém.

Transportae-vos, commigo, por alguns minutos, para o sublime instante em que, no cadinho americano, repondo a alma já certa de si e certa do conhecimento do seu meio, completando a obra das gerações de batedores de florestas, o sertanejo do sul, o gaúcho brasileiro, formou-se a si proprio e formou o Rio Grande! Já, no remoto interior daquelle bosque, onde o rito christão, na extensiva Banda de Sepé, mesclou-se ao ritos barbaros, resoando as prédicas do Evangelho, — déra a morte esplendor ao martyrio e á formosura da passional Lyndoia, morta embellecendo a morte “com a attitude de uma estatua antiga”, a purissima alma das lendas rio-grandenses, a humana — joia que symbolizou a fidelidade incorruptivel no amor e a firme dedicação á terra nativa, para que se dissesse que a sua estirpe moral povôa os lares gaúchos. Tambem, já sobre as campinas, sobre os rincões e os areiaes continentinos, se tinham começado a acender os fogões dos tropeiros, que se ampliaram em aras de civismo, num sonho de liberdade transmudado em seguida na bandeira da Patria extendida no pampa; e os curraes das invernadas e as estancias dos desbravadores se alastravam, como “esteios basilares das familias patriicias”. Ao prescrutar os arcanos da alma gaúcha e a alma biblica, serena e forte, blindada na gamma dos sentimentos que foram o apanagio historico da mulher de 35, não devemos esquecer esses sentimentos profundos que agiram para a maxima associação rio-grandense, enganando-se Saint-Hilaire quando nos acoimou de povo sem religião, que no Rio Grande, aureolou os deuses locaes, como São Sepé e Santa Josepha, canonisando-os, pelo mys-

ticismo christão, num mixto de animismo e de catholicismo, sem fanatizar os animos, sem a formação de castas que absorvessem as consciencias, impedindo o amplo desenvolvimento do raciocinio, capaz de comprehender a divisa collocada no escudo de 35 — liberdade, fraternidade, humanidade, — de alta concepção sociologica, muito mais avançada na sua ideologia, do que a celebre divisa da revolução franceza que elevou ao altar uma mulher desgarrada, a Deusa Razão. Já na côrte de Lisbôa, o primeiro general gaúcho Raphael Pinto Bandeira tornára o seu nome respeitado de brigadeiro luzitano e lá, na Patria da nossa Patria, Portugal, uma senhora da nobreza conta-se que lhe retratára o typo sobre marfim, em miniatura, reverenciando o grande *condotiero* que reconquistou, palmo a palmo, a sua terra mater, como a cidade eterna, ao mesmo tempo “genetrix e filha de seus filhos”, terra do amor e da hospitalidade, de redempção e de benção, a provida corbelha de primores do heroismo e da belleza. Sem duvida, a collectividade rio-grandense teve, consoante a theoria spenceriana, dois grandes agentes de sociabilidade: a vida em commum na defeza do solo natal e a instituição da familia monógama, cujos laços de affecto sempre se fortaleceram, tornando-se um composto de espirito patriarchal e particularista (os açorianos trouxeram as tradições da familia particularista e o regimen da pequena propriedade) e sendo o espirito de “Clan” vencido por um provincialismo elevado que, de rancho em rancho, e de cochilha em cochilha, operou a união dos farrapos em beneficio do sentimento nacional, sobrepairando a grande orientação federativa do povo gaúcho, sem separatismo

nem ligação com os povos platinos. Ouçamos este juizo de um observador emerito: — “O sentimento fundamental, isto é, aquelle que coopera mais efficazmente para a formação das familias, portanto, das sociedades, tinha entre nós largo desenvolvimento, devido ás condições do meio. Vivendo ordinariamente em estancias pelas vastas campinas, a cultura do apêgo tornava-se intensa nos casaes, facto este que deu á familia rio-grandense uma força de cohesão notavel. A revolução de 35, produzindo um grande movimento de forças e o contacto continuo com ellas, transformou a mulher em um centro de attracções universaes. Essas forças eram recebidas pelas senhoras, nas estancias, escondendo-se os homens, quando eram de partido contrario. Dava isto lugar a um grande augmento de convivencia e consequente adoçamento dos costumes, conhecendo a mulher quanto podia obter dos guerreiros, por meio da sympathia que sabia inspirar. E não foram poucas as senhoras que acompanharam com o mais vivo interesse as peripecias da luta, chegando a dar á Republica prova da mais completa dedicação. Entre essas romanas de nossa idade heroica, sobresahia D. ANGELICA DE GOMES JARDIM, que do seu bolso sustentou, por muito tempo, uma força revolucionaria.”

* * *

Facto commovedor: Um dia, no posto de tenente coronel recebeu Osorio uma carta em que o chamava sua velha Mãe viuva. Credor implacavel a ameaçava de penhora nos seus poucos bens. Sem possuir economias com

que pudesse resgatar o documento ou pagar ao menos a importancia correspondente aos juros, pôz-se entretanto a caminho de Caçapava. Na estrada encontrou-se com um viandante seu conhecido. Marchavam conversando, um ao lado do outro. Notou o companheiro qualquer mudança no genio de Osorio, ordinariamente jovial. — “O tenente coronel soffre? Que tem?” perguntou-lhe. — “E’ verdade, respondeu, soffro e muito. Tenho minha mãe que deve a esta hora estar bastante agoniada. Mas, para que pergunta se não me pode dar remedio?” — Quem o sabe?... Diga-me se não é segredo. “Osorio tudo referiu-lhe. — E o tenente coronel o que pensa fazer? perguntou-lhe o companheiro de viagem. — O que pode fazer o homem honrado. Falar ao credor, explicar-lhe as nossas circumstancias; e, se elle for inexoravel, obter meios de pagar-lhe, nem que seja necessario vender os poucos bens de que possuímos, contanto que não se proceda á penhora. — Pois, meu caro, não pense mais nisso. A senhora D. ANNA JOAQUINA não soffrerá vexame. Vou justamente á Caçapava arrecadar quantias que me devem, e que já lá se acham á minha disposição. Desde agora ficam á sua ordem. — Quer dizer que mudamos apenas de credor... — Com a differença porém que eu... tenho coração; entende? — Obrigado, amigo, acceito o seu favor. — Não é favor, é dever. — Dever! Porque? — Porque o bem paga-se com o bem. Durante a Guerra dos Farrapos, eu era farrapo. Sabendo que andava perseguido por inimigos, que me queriam matar, entrei uma noite, apressadamente, em casa da senhora sua Mãe. Expuz-lhe as minhas circumstancias e pedi-lhe abri-

go. Ella era legalista; não obstante protegeu-me, occultando-me. Desconfiados os meus perseguidores de que eu houvesse entrado em sua casa, ahi foram procurar-me. A admiravel senhora não teve medo: ostentando uma presença de espirito surprehendente, fe-los entrar, facultou-lhes a revista da casa. Elles a passaram e não me encontraram. Retiraram-se e eu salvei-me. — Não sabia! — Pois é verdade, e... Assim conversando os dois chegaram á Caçapava.

O filho extremoso não deu tempo a que sua mãe lhe repetisse o seu infortunio, pois entrou de surpresa pela casa á dentro, com exclamações de alegria, que a todos pôz contente. Não fale nisso, disse, tudo está arranjado minha mãe, só para a morte não ha remedio. Duas horas depois estava pago o credor. D. ANNA JOAQUINA era quem administrava a lavoura, na ausencia do marido, revelou sempre força de vontade e energia admiraveis e numa de suas cartas ao filho, dizia uma vez: "Já vou caminhando para os setenta annos e ainda tenho tantos trabalhos como quando principiei a vida, ou ainda mais".

* * *

Provas de grande coragem deram outras mulheres fazendo o serviço de vigilancia dentro dos muros da Capital. "Quando as forças recebidas nas estancias eram amigas, aproveitava-se a occasião para um baile, onde as danças populares eram entremeadas de canto das trovas patrioticas mas salientando-se os improvisadores nas quadras á mulher. Basta ler uma collecção dos inspirados



D. Anna Joaquina Luisa Osorio, Mãe do General Osorio

versos e comprehende-se o apreço em que as damas eram tidas pelos nobres cavalleiros. Nas cidades dava-se o mesmo, e a mulher ganhou em graça e perfeição, sem perder em sua dignidade." Tal como o sabio francez Saint-Hilaire descreve as casas rio-grandenses que conheceu, vi-nham, já em 1821, as iguarias em pratos de faiença e os postres de porcellana, brilhando o vinho do Porto nas garrafas e copos de crystal. Ornavam as moradas bellissimos bordados e crivos, nos atoalhados das mesas, arte que o Rio Grande cultivou, ensinada aos indios pelos jesuitas. Foram tão peritos nella os indios convertidos do sul do Brasil que, ao se apoderarem os portuguezes de suas possessões, o general Gomes Freire de Andrade, admirando as elegancias e riquezas, architectoriaes e esculpturaes de uma igreja indiana, custou a acreditar que nos altares esses bellissimos trabalhos fossem feitos em uma fabrica de bordados não concluida. Conheço a carta intima de Francisco Xavier Ferreira dirigida do Rio de Janeiro em 1822 á familia Braga de Pelotas, na qual manifesta esse inclito liberal suas saudades da luzida sociabilidade pelotense, elle diz, como, em 39 Drys, num livro notavel, falou das senhoras da Princeza do Sul que admirou montadas em ginetes ricamente ajaezados, não cedendo em elegancias e boas maneiras — concluiu — ás mais graciosas parisienses. A não serem as lides da guerra e as occupações patrioticas, o homem da epocha tinha o espirito voltado para a mulher. Por ella, esmerava o laço republicano de seu lenço tricolor, graciosamente cahido sobre as espaduas; por ella, cuidava do vestuario; era ainda pensando em ser agradavel aos olhos da que

lhe captivava o coração, que adereçava o brioso cavallo, e, prompto assim, approximava-se da casa da sua dama e era de ver-se, rendido a seus pés, attencioso e cortez, sentindo, com tal influencia a sociedade do tempo, benefico effeito no progresso moral da cultura da epocha.“ E, tão energica foi a força de cohesão da familia rio-grandense que entre os diversos descendentes de um tronco commum recommendado por feito illustre existia a plena e intima solidariedade e desvanecimento que fez dizer ao citado Saint-Hilaire que frutificava verdadeira aristocracia de certas familias. “Passou o furacão revolucionario e eram rarissimos os casos apontados de desrespeito á mulher, esses merecendo logo severo castigo, perseguidos seus autores desapiedadamente“.

Desde 1515, desde o seculo 16, que o torreão gaúcho era conhecido sob denominações portuguezas; desde então, ao seculo 18, d'além-mar velejavam visitantes estrangeiros cujas narrativas os brasileiros raramente conhecem na importancia que ellas têm como depoimentos xeno-brasileiros, mormente para a apreciação dos costumes de nossa terra. Assim, mesmo ignoradas da bibliographia nacional, existem as paginas de um livro britannico de um personagem que, ha 137 annos, passou seis semanas no Rio Grande, o Major James George Semple Lisle, que se orgulhava de ser escossez e que os mais arroubados elogios teceu á hospitalidade rio-grandense asseverando que os habitantes desta provincia differiam dos portuguezes e do resto do Brasil, demonstravam, largamente, a alegria e o bom genio que os caracterizava, na pureza do ar que respiravam, notavelmente hospitaleiros (insiste) activos,

industriosos, cavalleiros intrepidados e robustos (attestava elle) desde a infancia supportando a fadiga, com resistencia assombrosa, habeis no manejo das bolas e do laço; os militares da tropa, de elegante aspecto, comedidos e civilizados, usando colletes e, geralmente, calças de seda, e, de seda, tambem os forros das fardas; optima impressão causava o governador do Rio Grande Sebastião Xavier da Veiga Cabral pelo aspecto viril, distincção e elegancia das maneiras que logo inspiravam admiração e respeito, general que, — serviu de padrinho de uma criança anglo-riograndense filha da mulher de um soldado companheiro desse viajante escossez a bordo de Lady-Schore; a mulher dera á luz em casa da viuva de um brigadeiro sendo por esta senhora tratada com a maior caridade e depois de dar á criança bom enxoval, offereceu á nova comadre excellente vestido e fez questão até de lhe emprestar joias para a cerimonia. E o visitante accrescentou ter encontrado aqui em 1797 moças encantadoras que no forte de Torres ouviu cantarem deliciosamente e dedilharem com a maior expressão a harpa gaúcha, gradualmente substituida pela gaita. Fôra a linha mestra, a nervura da formação do Estado rio-grandense assignalada com o sulco impressionante dos passos dos Dragões, do litoral, para o Rio Pardo, remontando a lagôa dos Patos, subindo pela margem direita do Jacuhy, ligando a campanha á serra. Dentro desse Rio Grande Brasileiro, desse palco favoravel ao desenvolvimento das façanhas equestres do gaúcho intremulo, foi que se dilataram as lindes nacionaes e essas terras da campanha, ligadas ao destino da Patria, ficaram pertinho do Amazonas, ficaram muito longe do Prata,

atravéz da marca indelevel do encanto e da força da lingua portugueza. E ao proprio principe-regente do Brasil diria o luzido capitão general D. João Carlos de Saldanha: — Considere V. alteza, attentamente, os successos guerreiros desde 1777 desta fertil e salutar provincia e veja se as suas acções são inferiores ás que praticaram na India os Pachecos, os Gamas e os Albuquerque e no Brasil os Vieiras, Camarões e Henrique Dias.

Convivendo comnosco, outro foraneo illustre fixou a impressão de que nasceu a mulher gaúcha do beijo das raças da Europa, petala de rosa que um raio de sol da terra rio-grandense poliu e assetinou, na fusão em que ha mulheres morenas e mulheres loiras, como uma alvorada, energicas cabeças de Rubens e perfis suavissimos de Murillo. Os olhos são a sua maior riqueza, mixto de veludo, minuano e braza viva. E o typo definitivo da mulher gaúcha tende para a floração immortal da belleza mediterranea. Um bello destino a Mulher tem nos pampas, o de plasmar homens dignos do Rio Grande, dando o exemplo, que elle deve legar aos filhos, na fé perfeita para que haja no Brasil por toda a parte como num dia de sol claridade e certeza.

Que importa o lusophobo Arsène Isabelle não soubesse comprehender as nossas mulheres, nos injustos traços apressados que deixou dellas, “simples e grosseira caricatura” chamando-as de figuras de automatas. Não faltam os traços impressionantes, as notas muito firmes dos

insignes viajantes que jornadaaram pelo Rio Grande do Sul. Nas memorias, “recopiadas pela Princeza Izabel, a Redemptora, cuidadosamente, no Passo de São Christovam”, como diz o seu autor, Sua Alteza, o nobre Conde d’Eu, (Viagem militar ao R. G. do Sul) está escripto: — “De facto é Pelotas a cidade predilecta do que eu chamarei a aristocracia rio-grandense, si é que se pode empregar a palavra aristocracia falando-se de um paiz do novo continente”. Segundo o depoimento de Luccook nada já tinha de desagradavel a vida no Rio Grande ao tempo de D. João VI em que as mulheres gaúchas, elle dizia, de lindos olhos e cabellos negros ou de matiz e castanho escuro, alvas e viçosas, de fina tez e esmaltada de rosas a face, tinham attingido a nivel superior ao das capitancias centraes; considerando que a convivencia social no Rio Grande era mais franca e superior á do Rio de Janeiro nessa epocha. Um conjuncto de vantagens, evidentemente, explica esse apreço dos forasteiros pelo nosso trato e pelas nossas idéas, quando o sabio francez naturalista Saint-Hilaire assistindo á festas, que registra, na existencia culta do territorio rio-grandense, allude ás maneiras polidas e ao muito bom senso das mulheres do Sul. Nada tinham que invejar, accrescentava outro insigne viajante de origem ingleza, ás suas irmãs brasileiras, as rio-grandenses, no seu gosto delicado e na sua formusura natural tendo talvez por complemento de attractivos o garbo e facilidade que lhes dá o costume desde a idade mais tenra de andar á cavallo. Ellas se distinguiam pelo instincto de sociabilidade executando musicas ao piano e com muito bom gosto cantando ao som da guitarra. Então a mo-

dinha, nome da criação romântica transportada para o Rio Grande ou prolação das serranilhas portuguezas, era cultivada desde o Primeiro Imperio nos mais illustres salões da sociedade brasileira como um som da propria terra. Eu mesmo já intentei, refolhando-me nas chronicas primévas, reconstruir pela imaginação uma resplandescente festa lendaria de Rio Pardo accionando a urdidura de um romance de amor e de heroismo. Um desses folguedos aprontados com carinho da sociedade amavel do tempo em que já se notava no Rio Grande, com o primor da hospitalidade, a dignidade da familia e, com o apego á gléba a mais escrupulosa decencia. Era como si a flor da cavallaria embalsamasse os salões de cortezia e respeito, recreando-se nos passos graciosos das pavanias ou deslizando no tapete o airoso minuete. Nos rodeios de gente flamejava o fogão gaúcho. Singelas e ardentes, a graça das tyranas e das chimarritas, de molde peninsular, era compassada nos instrumentos, mescladas á vidallita, ao pericon platino, á gavota franceza. Quérulas, zangarream as violas e as flautas languidas desferiam retornellos. As vozes alavam-se e provava-se o encanto suave da poesia. A ala dos namorados tinha, como em 35, no alegre convivio, mais de um coração de moço rendido ao feitiço das compatricias, nisso ainda parecendo-se aquella quadra á de Rolando e seus pares. As senhoras emprestavam suas graças á elegancia e progresso das applicações locaes da moda que, no testemunho de Drys, ellas inovavam nos salões rio-grandenses. O que se fazia original era o costume, nos bailes, de mudarem todas as moças de vestido á meia noite, dando outro aspecto á festa.

Os mocetões da raia tinham a elegancia feita de justa medida, de delicadeza e de sobriedade, juntando ao marcial aspecto de jovens Dragões do Regimento, no encanto da farda azul, de calções até os joelhos, espadim ao lado, botas de polimento e capacete empenachado, as maneiras alliciadoras e lhanas que os cercavam de simplicidade humana na aureola de legenda. E os que vieram solteiros, *pro aris et focis* acharam um padre que os abençoasse, expandindo-se pelo casamento os ramos seculares das tradicionaes familias continentinas. Um dia, em Santa Tecla, lyrial versão se fez de que Raphael Pinto Bandeira enamorou-se de uma prisioneira; e o caudilho immortal viu que da espada, outra vez, a mulher triumphára... Maria Magdalena era o seu nome baptismal que a alma do heroe assim arrebatára... E o leito do noivado, então nessa praça de guerra, elle o armou sobre o poncho, os arreios, a espada com que soubera defender no acampamento a honra da sua amada e a honra da sua terra... sagrando a Igreja o casamento, essa união gracil de um soldado dragão sob o tecto nupcial do cortinado azul do firmamento... Legado de sonho! legado de vibração em rutilas legendas, das vantagens de uma raça, das bellezas e meritos de uma terra em cujo trato das lavouras, dos pastoreios e trigaes, o heroe com seu amor viveu a independencia e a bondade dos primeiros pastores e arvicultores da alvorada humana. Tão singulares energias raciaes se mostravam que o decreto da Republica de 15 de Janeiro de 39 exarava: — “Os mancebos neste fertil e venturoso paiz, uma vez chegados á idade de 14 annos se acham felizmente dotados pela natureza de uma cons-

tituição forte, aptidões, energia, e rara destreza para o serviço das armas, particularmente o da cavallaria“.

* * *

Certa vez, o Padre Chagas culpou o presidente da Republica Bentô Gonçalves de divertir-se muito em bailes como se essa propensão fosse delle unicamente e não de officiaes luzidos como Souza Netto e Onofre que nos saraus da revolução de 35 expandiram a sua vida sã, bem equilibrada, porque a dança, como salientou o sacerdote Hafkmeyer, foi universal paixão de nossos maiores que souberam juntar ao exercicio das armas o galanteio a par da Musa gracil, nos folguedos da amavel sociedade do seu tempo. Pois foi em um baile que, em Porto Alegre, appareceu a primeira bandeira dos Farrapos, trazida, á tiracolo, por uma Farroupilha, essa flamula, essa Veronica do Rio Grande que, segundo noticiou o Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, de 7 de Março de 1836, era já *tricolor, mas com um campo branco no centro e tendo pintado um boi, um gaúcho na acção de laçar e a arvore do matte ao lado*, descripção esta que se ajusta ao primitivo bosquejo do escudo de armas traçado pelo padre Chagas e que foi o bello resumo de nossas glorias. No entanto ha um grupo que não comprehende porque o Rio Grande teve amor ao seu lendario pavilhão, quando a propria monarchia em decreto fixava os pendões locaes ou as distincções heraldicas.

* * *

Conta-se que, em Rio Pardo, onde, em Janeiro de 35, tinham se dado graves tumultos causados por demonstrações populares contra algumas autoridades dalli, houve denuncia de sedição e principio de processo, a que não deu andamento o prudente juiz de Paz Rodrigo Pontes para serenar os animos; mas com as provocações e um assassinato occasionado por alguns retrogrados e restauradores portuguezes, espalhou-se grande comoção na villa, aggravada pelo acto do governo mandando continuar os processos que haviam sido interrompidos. Nenhum dos juizes quiz tomar parte nessa questão, menos Casimiro Cirne e, uma noite, em sua casa penetrou numeroso grupo de homens mascarados exigindo-lhe, com pistolas engatilhadas, a entrega dos autos do processo. Pois bem, nessa occasião uma filha do animoso juiz (eram desta tempera as mulheres de 35) corajosamente acercando-se do que lhe parecia ser o chefe do bando, arrancou-lhe a mascara de baeta verde e seu pae, tambem resistindo armado, ali mesmo cahiu morto, tendo outra filha se precipitado sobre o pescoço de outro dos encobertos, cravando-lhe, com desespero, as unhas na garganta e quasi asphyxiando-o, scena esta de terror e de sangue que precipitou a revolução, coincidindo com a abertura da primeira assembléa legislativa provincial onde tão fortes se mostraram os Farroupilhas. Em uma festa noticiada pelo “O Povo“, os homens traziam como distinctivos “ramos de hervamatte atados com as côres nacionaes“ enquanto as mulheres ostentavam o “Tope Nacional Rio-Grandense“, estabelecido em 12 de Novembro de 36.

* * *

Para cá emigrára do Recife uma mulher notavel, filha do Rio Grande do Norte D. NISIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA, cujos sentimentos farroupilhas se radicaram na terra gaúcha. Era uma pensadora dotada de rara independencia e lucida comprehensão philosophica no trato dos problemas politicos e sociaes da humanidade. Dirigiu no Rio Grande do Sul um collegio essa dama cujo coração pulsou pelas idealidades da familia rio-grandense.

Fulgido nome da literatura ella realizou no Rio de Janeiro conferencias abolicionistas e de propaganda republicana pregando a Federação vinte annos antes de Tavares Bastos; depois, abraçando a causa italiana, ella relacionou-se na Italia com Mazzini e Garibaldi e, pelo seu pacifismo, odiou Napoleão. D. Nisia correspondia-se com Augusto Comte que viu nella os indicios de uma preciosa discipula, — unica brasileira que conheceu pessoalmente em Paris o grande sociologo de Montpellier. Traduziu, em 1832, do francez, o livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens", por Mistress Godwin, cuja 2.ª edição ella publicou em Porto Alegre, em 1833, tratando assumptos, ha cem annos, de palpitante actualidade, que, sem favor, lhe dão o titulo de precursora do feminismo no Brasil.

As mulheres são as grandes civilisadoras do genero humano, dizia Emmerson, e se me perguntassem o que é a civilização, accrescentava elle, não teria duvida em repetir a conhecida phrase: "*E' a influencia no mundo das mulheres de bem.*" "Com o seu genio social e a sua actividade ordenada ellas aperfeiçoam a sociedade, educam

e afinam as maneiras, embelezam as cousas, enchem a vida de formas, de graça e de harmonia preparando um ambiente luminoso no mundo".

Chegou á provincia do Rio Grande a 2 de Julho de 34, outra mulher, D. Anna Monteroso, esposa do general Lavalleja, trazendo a missão insidiosa de incitar os liberaes á revolta para que proclamassem a republica e a separação do Rio Grande. Essa figura singular era um instrumento de Rosas e, como disse o emerito rio-grandense Marciano Pereira Ribeiro, formado na Inglaterra, em carta a Bento Gonçalves, o "plano de Lavalleja era absurdo", porque o movimento farroupilha deveria apoiar-se em elementos e em politica essencialmente brasileiros, nunca perder, como não perdeu, o character eminentemente nacional. Legado da inclita geração que não desertou o lar das melhores tradições da Patria commum! Entretanto, uma folha da localidade a que aportou a itinerante dama uruguaia, sem saber qual era o seu destino, reconheceu que se a esposa do general Lavallette na França salvou o seu marido de subir ao patibulo, Dona Anna Monteroso de Lavalleja apresentava um exemplo notavel de amor conjugal.

A primeira escolta, affirmou Renan, do filho de Deus, foi a mulher e foram as crianças, umas e outras, creadoras do Christianismo com a piedade da sua meiguice e a pureza de Maria, a "esposa inviolada do azul e do infinito". Pois bem. Muito recommendava ás mães rio-grandenses um poeta popular dessa grande Revolução que zelassem a criação dos futuros cidadãos:

Oh, mimosas farroupilhas
 Cuidae bem vossos filhinhos
 Que a Patria muito precisa
 Desses mimosos bracinhos!

E os farrapos promoveram a instrução publica entre os principaes objectivos de sua administração, exortando ás Camaras Municipaes, em circular de 1.º de Agosto de 1838, a proverem todas as populações de professores de instrução primaria, pela comprehensão da democracia baseada na *difusão das luzes e da moral*. Foi, na ordem dos tempos, o primeiro livro rio-grandense que se publicou o da nossa poetisa cega Delphina da Cunha, em 1834, comparada á autora da elegiaca de "Les Pleurs", que Paul Verlaine, em pagina fulgurante, collocou entre Sapho e Santa Theresa de Jesus.

* * *

O mundo estava no fastigio do Romantismo. E que foi o Romantismo? Não apenas a adoração da propria dôr, não significou somente o pieguismo, o sentimentalismo. Romantismo, mais do que um movimento esthético, foi uma onda de vida, uma torrente de entusiasmo, para a arte, para a sciencia, para a philosophia, para a sociologia, uma fragorosa escola que renovou a sensibilidade humana e em busca da poesia da vida libertando-a dos modelos frios, da secura e dureza dos moldes classicos, plasmou de belleza um movimento ao ar livre de retorno á natureza, de exaltação dos grandes sacrificios e heroismos que,

penetrando fundo o homem e a mulher, rejuvenesceu silhuetas femininas, na obra e na vida dos artistas espiritualizando heroínas ou inspiradoras, visões de sonho a pairar acima da materia, como Sophia de Novalis ou Clotilde de Vaux, conduzindo para a idealidade os seus eleitos e os amantes apaixonados que encheram de lyrismo paginas de musica e de prosa, soletradas a beijos, na poesia dos guerreiros de Ossiam, através das canções que iam, de castello em castello, prégar contra o fanatismo intolerante, a religião do amor. Foi tudo isso o Romantismo que vinha de longe, tocado pela flamma da mensagem de Jesus para florir de lenda em lenda e accordar tradições e dar um molde de belleza ao sonhos da independencia das Patrias. A alma galante do Romantismo havia de ter no Brasil, como precursor um filho de Rio Pardo, o Barão de Santo Angelo, colorindo, illuminando, banhando na luz do Novo Mundo, nas lyricas creações da alma americana, a natural expressão do nosso entusiasmo.

Já proferira Thucidites, porque amamos a belleza e cultivamos o espirito não soffre a nossa varonilidade! E Santa Thereza dissera que se o principe das trevas, pai da malicia e da esperteza, se Satanaz pudesse amar deixaria de ser máu. As deusas femininas do Rio Grande, sacras figuras ideaes, como as Lauras e a Beatrizes que illuminaram os espiritos pensantes dos Petrachas e dos Aleghieris, foram a prenda dos afagos, as miniaturas do ceu, de Calderon, o escritorio de ternura e pureza deante do qual se curvaram os joelhos farroupilhas.

Ora impetuosa e quente, ora atenuada e doce foi a

vida amorosa e sentimental que o trovador gaúcho reproduziu nos improvisos á viola. Traduz o lyrismo heroico do Rio Grande, a intranquilidade vibratil, a poesia da distancia, o encanto das cousas longinquoas e desejadas, a saudade e o nomadismo, a doçura das imagens simples e delicadas, a par de certo arrojo condoreiro. A terra clara e aberta não abateu o homem, em communhão com a vida victoriosa e por isso, o gaúcho foi no melhor sentido um romantico glorioso, tangido pelas faculdades creadoras de sua imaginação submettida ao conceito organico da realidade. E' assim que devem ser estudados os poetas, em funcção do meio; os poetas do cyclo farroupilha que sentiram o beijo de fogo de uma inspiração espontanea a abraçar-lhes a frente, simples como seus costumes, arrebatada como as suas façanhas, ingenua e pura como as primeiras expansões do coração da mocidade. Contrahindo seu casamento na villa de Bagé em 1835, no dia 15 de Novembro, o futuro general Osorio, então tenente, republicano de coração, teve em seguida de marchar para a guerra, mas, antes de partir, dedicou esta poesia á esposa filha do juiz Zeferino Fagundes de Oliveira, D. Francisca a quem elle chamou de minha gloria domestica, de pequena estatura, delicada, de olhos negros e brilhantes cabellos pretos e bastos, porte gracioso, reunindo á belleza physica apreciaveis qualidades moraes:

Já sôa o clarim de Marte!
 Vou deixar-te, minha amada!
 Suspirando corro ás armas,
 Adeus, mulher adorada.

Baixando á campa
 Frio jazigo,
 A tua imagem
 Irá commigo.

Se for em arduo combate
 Minha vida arrebatada,
 Se perder-te para sempre...
 Adeus, mulher adorada.

Baixando á campa
 Frio jazigo,
 A tua imagem
 Irá commigo.

Mas, se coroado de louros
 Voltar a ver-te engraçada,
 Até tão doces momentos...
 Adeus, mulher adorada.

Teus lindos labios
 Beijando então
 Doces prazeres
 Renovarão.

Verbalizou um escriptor o episodio, occorrido em 35, que revela a cooperação activa de uma moça farroupilha no procedimento arguto de um seu enamorado, correli-gionario.

No viso de uma coxilha erguia-se a séde de uma

tradicional fazenda. Perto bivacára pequena força revolucionaria cujo commandante, amigo que era do dono da estancia, foi amenizar as vicissitudes das continuas escaramuças, compartilhando da hospitalidade daquella gente forte e boa. Improvisadas as danças, em regosijo á visita, o chefe farroupilha foi o primeiro a inicia-las enquanto um indio velho da gemma corria os dedos pelo teclado de uma gaita melodiosa, evolando-se os accordes rythmados d'uma valsa. Eis, porém, que, inesperadamente, a fazenda é cercada por uma patrulha legalista e o intimerato hospede não se perturbou, immediatamente segredando ao ouvido da jovem farroupilha com quem valsava e tomando tranquillamente outro par. "Fomos surpreendidos pelo inimigo" bradou, entre pressuroso e alarmado, o proprietario da fazenda. Mas o official farrapo dirigindo significativa senha ao gaiteiro para que proseguisse, continuou a dansar... E ao penetrar no salão o official inimigo para prende-lo respondeu que já se considerava prisioneiro, entretanto solicitava que lhe deixasse terminar a valsa com lealdade gauchesca o que secamente foi consentido. A jovem comparsa do farroupilha, enquanto isto se passava já havia ministrado as combinadas providencias; seguindo a cavallo a puxar a velha pipa, um negrinho pelos fundos da estancia fingindo não ter pressa até attingir a proxima canhada donde em corrida vertiginosa foi entregar o recado á primeira sentinella da força farroupilha em bivaque a qual de inopino surgiu a tempo de aprisionar a patrulha legalista, virando-se, com tal façanha artilosa, o feitiço contra o feitiço.

Ha referencias, no cyclo da revolução que evidenciam como Bento Gonçalves circundou de um regimen de garantias não só a esposa e filhas do seu adversario politico, marechal Sebastião Barreto, consentindo que permanecessem enquanto quizessem em S. Gabriel ou em sua fazenda como, por igual, ao referido adversario a quem, ahi deixou tranquillo no começo da guerra e a quem as damas de Montevideo, que na luta contra os inglezes se tinham distinguido pela spartana combatividade offereceram uma luxuosa capa.

* * *

Foram as aguas do Rio São Gonçalo scenario do sublime lance de heroicidade em que, a 27 de Fevereiro de 36, o commandante de um barco farroupilha, Tobias dos Santos, ao defrontar a povoação de Canudos (hoje Santa Isabel) convencido da desigualdade do combate travado por muitas horas com um cutter da marinha imperial, preferiu tocar fogo ao paiol, abraçado á esposa e aos filhinhos, a quem se unira para morrer, numa explosão de apothese... e uma bella heroina desapareceu no turbilhão de fogo e fumo, grandeza exalçada pelo parente de Tobias dos Santos, Apolinario Porto Alegre, no volume das "Bromelias".

... "Adeus, esposa, filhos, disse o bravo
Ou vencedor ou morto, nunca escravo!"

Ella chamava-se ISABEL IGNACIA DE JESUS. E é preciso dizer que o marido tivera ordem, nesse mez de Fevereiro, de trazer a Pelotas importantes communições, missão difficil e arriscada devido o patrulhamento que os imperiaes faziam na Lagôa. Pouco antes fôra trucidado um emissario, a quem outra senhora procurára esconder, em vão, sob os proprios vestidos. Eis porque os Farroupilhas de Jaguarão tinham feito Tobias dos Santos prestar juramento solemne, de não entregar ao inimigo as communições de que era portador. E elle, no epico acontecimento, cumpriu esse juramento que pres-tára sobre a cabeça dos filhinhos e da mulher!

Outro exemplo impressionante de tempera e apego ás convicções foi o da destemida farrapa Dona MARIA JOSEPHA DA FONTOURA PALMEIRO, de uma das mais numerosas e distinctas familias do liberalismo brasileiro e a quem foi imposta a pena de desterro intimada a deixar a cidade de Porto Alegre dentro de 24 horas pelo risco e coragem com que se incumbiu de espalhar, dentro e fora da praça, as proclamações de seus irmãos politicos assim vigorosamente, temerariamente, tornando-se um dos "brazões de seu nobre sexo". A viuva do capitão Palmeiro e suas filhas realisavam, antes e durante a revolução, reuniões secretas em sua residencia, em Porto Alegre.

E essa filha de Palmeiro que foi perseguida e deportada por levar pessoalmente informações á Bento Gonçalves, na approximação com os republicanos que estavam na Setembrina, — mais tarde tornou-se apostolo da libertação dos escravos, "escrevendo seu nome entre as mulheres benemeritas da nação". Não menos intemerata

Dona MARIA FRANÇA que, de uma feita, entre outros episodios, quando sahia do portão da cidade foi alvejada das trincheiras por uma bateria com dois tiros de metralha e salva milagrosamente. Ainda, Dona LAURA CENTENO DE AZAMBUJA salientou-se pelo seu entusiasmo e pela influencia que seu valor lhe grangeou, em Rio Pardo, onde certa dama ao ouvir a pergunta "onde estão os farrapos"? feita por Francisco Pedro á frente de pelotões de sua tropa, com voz zombeteira em meio da praça, — respondeu desassombradamente de janella proxima: "Enganado está o senhor. Aqui não acha a quem procura, se queria encontrar farrapos, como diz, excusado vir tão longe da sua guarnição de Porto Alegre procura-los, havendo tantos bem perto da capital". Houve tambem uma senhora que, estando Porto Alegre em estado de guerra, se arriscou a procurar a approximação de um farroupilha suspeito, um emissario de Bento Gonçalves, para que fosse ter a este a nova de uma proxima "sahida" afim de operar-se uma surpresa extra muros sobre as linhas do assedio. Multiplique, activo, o concurso, o influxo, o papel feminino na vida intima como na vida publica do Rio Grande dos Farrapos, fabricando nos lares as telas precisas para supprir os batalhadores, fornecendo uniformes a exemplo de Dona ANGELICA JARDIM, caridosa irmã do presidente interino da Republica, em summa cooperando como providencial factor de resguardo e benevolencia para obstar vinganças pessoaes, retirar da contenda entre irmãos o feio aspecto que podera ter tomado "indo as jovens ou as velhas, quando partidas desgarradas se lançavam de golpe sobre as moradas

ruraes e a casaria das povoações, receber, captar os fofasteiros, fosse de um ou de outro bando distribuindo igual hospitalidade, isto é, amenizando ou abrandando a ira de que viessem possuídos“. Como verdadeiras heroínas da Caridade por sua vez se comportaram as senhoras da família do major Menezes, recolhendo e tratando os feridos dos campos de Seival, após a memorável victoria da 1.ª Brigada ao mando de Souza Netto, em que se lutou á arma branca, escapando o chefe legalista Silva Tavares de cair prisioneiro por ter passado de um cavallo para outro durante a retirada.

* * *

No primeiro Congresso Farroupilha da Mocidade Pelotense, em 1933, tive a honra de apresentar, entre outras suggestões o alvitre de se dar á Escola Complementar da cidade o nome de uma mulher farroupilha que foi um dos mais formosos typos de 35, a activa providencia moral da vida íntima e a inspiradora da vida publica do egregio Domingos de Almeida, Dona BERNARDINA BARCELLOS DE ALMEIDA, a sua bonissima e veneranda esposa a quem esse varão de Plutarcho nos seus projectos fez “participe e conselheira“ com illimitada confiança patriótica nas finezas da alma e ao mesmo tempo nos resplandescentes rasgos praticos de tão excelsa dama pelotense, os quaes bastariam para assegurar-lhe lustre, renome e gloria“. Sempre desejo, disse-lhe o esposo, em carta de 23 de Novembro de 1836, conformar-me com a tua vontade porque és disso merecedora; a sua “re-que-

rida“, como elle chamava, adorada, Bernardina, que já, em menina fôra o amparo, o anjo bom das crianças de sua estancia, a mãe cariciosa de seus proprios irmãozinhos, guiada por um coração de ouro, em lances de devoção que arrancaram “ferventes lagrimas“ á Domingos de Almeida quando foi preso em sua casa a 3 de Março de 1844.

Nas paginas repassadas de intensa emoção de um Diario íntimo que acaba de ser publicado onde o grande diplomata dos farrapos na pacificação junto á côrte do Rio de Janeiro, Antonio Vicente da Fontoura, em fórmula de cartas dirigidas á sua esposa, a quem não via a anno e meio, escrevia tratando da saudade della e dos filhos, cheio de preocupações de ordem moral e social, de cuidados e tristezas, de uma alma, ao mesmo tempo, solicitada pela salvação da patria, ha estas palavras marcadas pelo tom elevado de sentimentos:

... Ah! minha Clarinda, Deus, o nosso amor e a honra são irrefragaveis testemunhas do que digo e do que tem soffrido minha alma... A causa que ajudo a defender é filha do Ceu... E se o Ceu nos conceder ainda serenos dias, com que gosto contaremos aos nossos filhos a causa de sua nudez e das suas privações... Li-songeira esperança de vêr meus innocentes filhos gozar em seu paiz das vantagens de um governo recto... meus filhos, prendas que ha oito annos hei sacrificado no altar da patria com o mais fanatico amor... Em breve a cruel ausencia não nos dará nem mais um minuto de angustia...

Oh! quanto é feliz o homem, bemaventurado o mortal que entregue a seus domesticos deveres, tem nos afa-

gos da esposa virtuosa e nos meigos sorrisos dos filhinhos innocentes o premio do trabalho do dia. Tudo isto, na melancolia de suas meditações, vendo a desorganização que lavrava em forças do exercito, já lhe parecia superior á carreira publica, acima do contaminado gremio dos publicos negocios, da maldade e da ingratitude dos homens. "Unico e solido bem, o seio da familia que pode o homem gozar neste mundo". Elle era poeta, como outros poetas contava a sua familia, e na carta datada de 3 de Abril de 1844 adeante de Bagé, enviava Antonio Vicente versinhos á esposa para que as filhas os cantassem:

Attende, mamãe,
Do pae as letrinhas
Á ti dirigidas
E ás suas filhinhas

A esposa me resta
Do lance fatal...
De mais não preciso
Pois nella diviso
Meu premio real

Do meu coração
Seu nome apagar
Não pode o destino
Por mais que, ferino,
Se queira ostentar.

Digno da pureza de um character foi o assômo de revolta moral com que, amargamente, Fontoura se referiu ao desvio do seu velho amigo Canabarro que tanto brio soubera infundar aos soldados commandando o segundo corpo do exercito, roubado á vigilancia da patria pelos amores de uma mulher a que appellidaram *Papagaia* natural de Taquary e cujo marido, natural do Rio de Janeiro era o boticario João Duarte que tinha no exercito o cargo de medico e em marcha um dia levava no hombro uma gaiola de papagaio, tomando então, com o ferino commentario de um official a alcunha de Dr. Gaiola, cuja situação pouca lisonjeira, junto de Canabarro, provocou uns versos de Bento Gonçalves, de sainete jocoso. Bastaria citar o verdadeiro motivo da morte de Antonio Paulino, que, como ficou esclarecido, por haver conquistado uma senhora casada foi pelo seu marido alvejado certa noite fallecendo dias depois, facto este em torno ao qual creou-se a lenda a principio que o attribuiu á inimidade politica com a scisão que em fins de 42 houve no Alegrete entre os deputados na Assembléa Constituinte. Os dissidentes attribuiram essa desafronta ao presidente da Republica Bento Gonçalves e foi o crime a origem do soberbo duello que levou tambem á morte o valente Onofre Pires da Silveira Canto, duas vezes attingido pelos golpes da espada de Bento Gonçalves, manejada com arte e segurança como "Golias sobre David". Como outra nota que bem caracteriza o animo das matronas rio-grandenses, conta-se que D. JOAQUINA BORGES, moradora em S. José do Hortencio, ao saber do bandeamento de Bento Manuel, mandou, endiabradamente comprar um copo com

duas caras e guardou com cuidado até que um dia o filho de Sorocaba passando pela casa della pediu agua; D. Joaquina foi em pessoa levar-lha no tal copo, dizendo: Este copo está muito bem a proposito de V. Exa. O general riu-se e bebeu... Não exagerava a Musa que, pelos arraiaes gaúchos, em descantes, proclamava:

São bellas, são amorosas,
São do ceu mil maravilhas,
As nossas rio-grandenses,
As mimosas farroupilhas.

* * *

Quem foi a flor do Brasil que representou o proprio coração da America, quem symbolizou a propria união dessa espiritualidade fecunda que nos une á cultura e á tradição de alem-mar? Qual a maior heroína do Brasil, desde a india Paraguassú e desde a mulher missionaria neta do cacique da nação Caiapó e desde Sórora Joanna Angelica, a freira martyr, até aquellas irmãs de Bento Gonçalves, Anna e Antonia e até Anna Nery, a placida e resignada enfermeira, heroína da caridade? Quem foi a flor do Brasil, a inimitavel e bella Catharineta, a companheira do sacrificio da pobreza honrada de Garibaldi o paladino dos dois mundos e cavalleiro andante das nacionalidades opprimidas e dos povos sedentos de liberdade, que uniu a sua sorte á daquella que foi a mãe dos seus filhos, o anjo consolador, a provi-

dencia e o thesouro do seu magnifico amor, a propria encarnação da Republica, serena e intrepida, febril de coragem, como uma amazona á popa de um escaler, com a "face morena de brasileira e a claridade branca de seus dentes sorrindo á claridade vermelha dos canhões?" Sua-vissimo o seu nome: ANNA DE JESUS RIBEIRO GARIBALDI, — Annita, a Joanna D'Arc farroupilha da religião do amor que vence tudo! Em verso branco, em endecassylabo, um membro do Instituto de Coimbra e da Academia real das Sciencias de Lisbôa, nosso compatricio, autor de um poema esquecido sobre Annita, dado á lume em Portugal em 1891, desenhou-lhe o caracter e engalanou de rosas a sua formusura, dizendo:

...Annita era formosa. Tez morena,
do moreno suave que enfeitiça,
negras as longas tranças perfumadas,
nem, como os della, o colibri ostenta
meneios tão subtis e tão graciosos.
Sobre o cólo macio, raro spécimen
de esculturaes contornos...
Mean na altura, varonil no porte.
Nos dentes toda a alvura da magnolia,
nos labios... do jasmin o avelludado;
nos olhos o fulgor do olhar da aguia,
No falar meigo, imperativo ás vezes,
do araçá o acridoce saboroso.
...E as duas almas numa se fundiram
aquellas almas gemeas, sempre unissonas
em accórde celeste...

... Quem eras tu, mulher, que destinada
 foste para exercer forte dominio
 no inquebrantavel animo do heroe?
 ... De modesta familia filha amada
 em Santa Catharina teve o berço
 e deslumbrou-se o sol da juventude
 quando a essas paragens Garibaldi
 foi em expedição com Canabarro.
 ... O amante ia partir... ella seguiu-o;
 abandonou os paes, irmãos e amigos,
 de uma tragedia a heroína se tornando
 embora involuntaria. Amou... peccou!
 mas de um peccado... imposição do Eterno!
 ... Como um grupo de garças deslizando
 navega a frota em linha de combate
 Fazem-lhe frente apenas tres navios
 Rompem o fogo as peças de bombordo
 ao qual responde Annita vivamente!

E, depois:

... Vinte vezes
 Num escalér, Annita vae e volta
 As munições á terra transportando
 ... cabelo solto aos ventos,
 a mão esquerda ao leme firme,
 em ponche envolta, sabre em punho,
 sobre a pôpa, de pé, serenamente,
 ... o coração leal e generoso
 de amor á patria, á liberdade, á gloria!

... O exercito aguerrido dos rebeldes
 de homens taes quasi em peso se compunha,
 tão bravos que na Italia infindas vezes,
 quando Roma era o alvo dos seus sonhos,
 delles saudoso o inclito Garibaldi
 no ferir augustoso dos combates
 lastimava não te-los ao seu lado!
 ... Andréa e Cunha, capitães illustres
 com duas divisões ao seu commando
 para "Cima da Serra" se dirigem
 Teixeira, coronel, lhes tolhe o passo.
 De ambas as partes denodada luta
 ... Em frizante contraste, a natureza
 a palpitar de amor...
 Cantam victoria os nossos...
 ... Estandartes tremulam...
 Um desses pavilhões, vermelho e verde,
 — as cores nacionaes — uma mulher
 tinta em sangue, tisonada pela polvora
 aos ventos o desfralda... Salve, Annita!
 ... Crescem em ira insana os assaltantes...
 ... Cortado em dois o nosso exercito,
 Subito, Annita se encontra em fumo envolta.
 ... Cercada de inimigos duas balas
 o chapéo lhe atravessam, o ginete
 morto lhe cáe aos pés...
 E rende-se... batendo-se!
 ... Pensando em Garibaldi ella rezava...
 ... aquella alma generosa

terna e meiga na paz, quanto na guerra piedosa...

...Concedem-lhe que o corpo ella procure do esposo, entre as centenas de cadaveres, que da batalha a arena aos montes cobrem...

...E de seu pranto rega um corpo inerte: Garibaldi? Conhece-o pelo ponche que ella propria bordára...

...Mas recúa e bemdiz a Virgem Santa, O ponche é sim do esposo, o corpo... não... Noite alta, ei-la a sós, em curso alado, ...No denso canavial que além se estende ...Juntae barrancos, precipicios e habitantes das selvas, carniceiros, e uma idéa tereis dos mil tropeços que a bella Annita, então bastante enferma, em vinte leguas de aspera floresta não se intimida em procurar vencer.

...A amazona caminha! tem por bussola as estrellas e o amor...

...De Vaccaria

Poucas leguas de mattos a separam.

...Enche a voz do trovão o espaço todo.

...Nos arraiaes de Aranha, um numeroso grupo de rebeldes sobre assumptos de guerra disputava excepto Garibaldi, a tudo alheio,

...Ao bom Rossetti, triste, segredava:

— Após a retirada de Maromba

Pungio-me o mais tremendo dos dilemas

o dever e o amor! venceu aquelle!

por isso eis-me aqui, sem novas dela.

...Adoro essa mulher...

Perdesse eu Annita, e um só balsamo na terra existiria ás minhas maguas: ver na Patria surgir resplandescente o sol da redempção

...Ouviu-se o estrepido das patas de um cavallo no lagêdo

...“Sou dos vossos!”

E apeiou-se Annita.

...Umã blusa vermelha, calção largo, bota á mineira, e um ponche azul escuro, amplo chapéo de palha e fita verde era o seu fardamento.

...Com effusão se abraçam, jubilosos E choram ambos!...

...Em S. Simão estamos

Garibaldi installara-se alli e sua esposa que de especiaes cuidados carecia na saude oscillante.

...De entre as trevas de uma sala contigua

Surge um negro

que fôra á morte arrancado pela jovem

(e que se tornou, por gratidão, o dedicado servo que morreu no cerco de Roma, na ultima sortida Garibaldina)

...E avisou que estando perto o inimigo, Annita, offegante, levara, a cavallo,

o terno filho dias antes nascido (16 de Setembro de 1840)
 ...O amor patrio ao de Mãe cedera a palma.
 ...Depois a tumultuosa... retirada
 das Antas, negro drama
 de infortúnios e dor...
 ...Fóra do leito os rios. O inimigo
 na frente e reataguarda...
 sem armas e sem meios de transporte,
 mil soldados, mulheres e crianças,
 Annita contra si ligando o filho.

(Terrível provação a dessa retirada por cima da Serra em que as forças republicanas foram ter á campanha, nuas, na maior parte com simples tangas de pelle á cintura, sem lhes vir idéa da deserção, transitando pelas brenhas, passando fome, — mais farrapos do que nunca).

E ao Estado Oriental,
 por convite de egregios patriotas
 urge que volte Garibaldi
 ...E outra vez desempenha
 glorioso papel.
 ...Volvidos annos
 de acerbos privações, almos triumphos
 de redimir a patria... volta á Italia.
 Em Roma, caudilho da união,
 ao lado tem Annita, embora enferma.
 ...“Lembras-te de Imbituba?”
 Quatro annos, meu Deus, já decorridos!
 Nem um momento só deixei de amar-te!

Coragem, caro esposo! Sinto a vida
 lentamente a escoar-se!
 ...Estranho frio o coração me invade,
 Deve ser isso a morte! Que saudades
 Da familia e da patria me atormentam!
 ...E, a reprimir o soffrimento
 enlaçada a Menotti, continua:
 — Sê bom! sê esmoler!
 Meu filho, pelo amor a teu pae e á liberdade
 Fascinaram-me os toques de clarim,
 Vencedores sejamos de nós mesmos
 Que é a maior das glorias! Seja o espirito
 da materia o senhor. Jugo ás paixões!
 A concordia semeemos entre os homens,
 Semeemos a instrucção, em Deus a crença...
 Seja rei a Razão, lei a Justiça!
 ...E a religião do Amor despontará!
 ...Adeus... E Annita alli succumbe
 á mingua de soccorros
 ...Sorveu-lhe o esposo o derradeiro alento
 soffrego lhe imprimiu o ultimo beijo,
 E era-lhe a vida
 viver para seu filho!
 ...Mulher superior, augusta democrata,
 Em paz repousa...

Como a Joanna D'Arc, a egregia aldeã, ao zenith da gloria Annita ergueu-se, — a JOANNA D'ARC FARROUPILHA!

Do meu amor de jovem soldado

Falando-vos, como pelotense, da fama novellesca do escudeiro medieval que foi no Rio Grande o *nosso Garibaldi*, eu não poderia esquecer que elle, antes de unir a sua vida á vida de Annita, encontrou numa jovem filha de Pelotas o seu primeiro idyllo em terra americana. A sua inspiradora, a sua musa angelica, aquella que primeiro conquistou integralmente o seu coração, num roscicler de poesia, como a aparição branca e sideral que elevou o Dante, chamava-se essa pelotense MANOELA, de grandes olhos azues, uma loura de figura gracil, que lhe representava a belleza ideal e inalcançavel. Posso assegurar, exclamou Garibaldi nas memorias escriptas do seu proprio punho, que nenhuma das circumstancias da minha vida se me apresenta, como essa, na imaginação com maior encanto, com mais doce e mais prazerosa reminiscencia. Nada de profano havia em meu amor. Elle se sabia correspondido pela bella filha de Pelotas, pela primeira dama dos seus pensamentos que “destinada a ser esposa de outro” disse Garibaldi, — morreu com o seu nome nos labios... Lyrio do passado, na tua fidelidade incorruptivel de gaúcha de raça, na firmeza do teu coração, foste o caminho, o bergantim encantado, o extase, a flor azul pura e modesta, a centelha deslumbrante que, nesse episodio romantico em que primeiro palpitou a juvenildade do heroe, representaste a estirpe moral dos lares sadios do Rio Grande. Sublimaram-te, em ternura e desprendimento, a doçura e o aspecto viril que foram as armas poderosas daquelle jovem cavalleiro quando, em suas visitas á estancia de Camaquam, nas costas daquelle rio em cujo arsenal elle instruiu e formou o seu primeiro

grupo de legionarios, tu o ouviste entoar com a sua bella voz sonora, a mesma de Italia e Niza, as canções apaixonadas, recordando, com as declarações dos fragmentos civicos as grandezas passadas da sua Patria. Gaúcha de raça, gracil filha de Pelotas, que na tua exaltação, conservaste, como broquel, a belleza ideal e a magestade do teu amor, sem jaça, por Garibaldi, foste a alma virgem da tua terra nativa, e, como o justo orgulho de um symbolo do teu berço embelleceste a lenda rio-grandense; e é no esplendor do teu bemquerer apaixonado, é a chamma viva da tua alma que, na mansão estendida tambem pela firmeza do nosso culto aqui, em festival de civismo, ainda desfaz-se em fumo e aroma ardendo em granulos de incenso... a palpar em reverbérios do proprio genio de amor, da propria alma gaúcha, como philtro dolente do lyrismo-heroico do Rio Grande!

* * *

Senhorinhas que me ouvís, netas de Manoela, — guardae, entre os juizos da historia, o formoso final da celebre carta que, a 10 de Setembro de 1859, então afastado duas mil leguas destas campinas amadas, escreveu de Modena esse laureado estrangeiro, essa creatura de eleição, o nosso Garibaldi, ao seu amigo egregio Domingos de Almeida: — “Quando eu penso no Rio Grande, quando penso no acolhimento com que fui recebido no gremio de suas familias, onde fui considerado filho, esse passado de minha vida se imprime em minha memoria como alguma cousa de magico, de verdadeiramente ro-

mantico... que as vossas bellissimas moças cubram de flores esses santuarios de vossas glorias.“

E' ainda, a vós, minhas irmãs, que se dirige, ardentemente, o cavalleiro andante, o cidadão do mundo, o Cid Campeador, que, neste trecho da Terra, accendrou a sua mocidade e ao lado da ala dos valentes centauros de Bento Gonçalves aprendeu a desprezar sorrindo o perigo e a combater dignamente pela causa sagrada das nações e que só se serviu das armas com que combateu para aniquillar outras armas peiores propagadoras da iniquidade e da tyrannia! Se é verdade que no futuro será o nome de Patria mudado pelo de terra Matria, por isso que o amor por ella é o prolongamento do amor natural, se a brandura feminina, com mais efficacia do que a força material, constituir, moralmente, o verdadeiro poder que, no porvir, impedirá os conflictos sociaes, com a sua irresistivel mediação, ajudada do conselho dos velhos e assistida das creanças, — não hesitará o artista eminente que, um dia na perpetuidade do bronze, na mais plastica das esthesias que é a esculptura realizar a homenagem de um monumento ao Rio Grande do Sul, na unidade de effeito ethno-sociologico, não hesitará emblemar as qualidades formadas no aconchego dos lares rio-grandenses, pela imagem da Mulher, com o melhor da nossa affectividade originaria e do nosso idealismo nativo, a imagem da Mulher Farroupilha, mãe, esposa e filha, num cimo de luz, num frizo de sol, personificando a propria imagem da Republica, a providencia moral dessa effigie que a Mulher resume e que devemos sublimar, na veneração filial, domestica e civica, de um patriotismo-humano e de um respeito poe-

tico que é, como eu disse, o maior titulo de orgulho da nossa raça e o incomparavel symbolo que annuncia o predominio affectivo na evolução brasileira sob a influencia dos antecedentes christãos, porque a Mulher protegerá o heroe futuro, a creança gaúcha com o sacrificio do seu amor aos sonhos que rolaram no coração desta terra de redempção e de bençam, a terra santa do Rio Grande, a gleba do amor e da hospitalidade, a Mater sagrada, cheia de graça, e plena da gloria e da belleza e da misericordia das Mulheres de 35!

* * *

A NOIVA DE GARIBALDI

Avósinha Manoela, ouvi contar
Teu romance purissimo de amor.
Quanto foste feliz! Soubeste amar,
Encerrada em teu sonho encantador.

Prisioneira perpetua da illusão,
Bella noiva de dulcida chiméra,
Garibaldi encantou teu coração,
Teu amor foi perenne primavera.

Quando o tempo fizera-te velhinha
Teu amor ainda tinha quinze annos,
Minha santa e romantica avósinha,

Que levaste da noiva o casto véo,
Ao deixar este mundo e seus enganos,
Para ser noiva, ainda, lá no céo.

P. Alegre.

Ida Barbachan Hennemann.

A NOIVA DE GARIBALDI

(Barcellos Ferreira)

Essa loira mulher de olhar celeste,
 Nesta formosa patria do idealismo,
 Romantica expressão do meio agreste,
 Representa a figura do lyrismo.

Marilia sem Dirceu, si tu morreste
 Por teu amor, foi para dar, eu scismo,
 A historia do torrão em que naceste,
 A sentida emoção do romantismo

Como dama d'alguma lenda antiga,
 Toda a vida esperou o seu guerreiro,
 Que, desta gleba generosa e amiga,

Partira, em busca de horizontes novos,
 Para bater-se, andante cavalleiro,
 Pela bandeira de opprimidos povos.

O lindo olhar dessa mulher tristonha,
 Lembrava o céu, lembrava o azul do mar,
 Tudo que soffre, que soluça e sonha,
 Estampava, em resumo, aquelle olhar.

Um dia, um marinheiro singular,
 Vindo dos lados d'um paiz de sonho,
 Num roteiro impreciso, quiz passar,
 O nevoeiro daquelle olhar tristonho.

Como Dalmar, o pescador das lendas,
 Se fez ao largo o nauta, em novas sendas,
 E o triste olhar não o perdeu jamais.

E inda hoje chora, quando o sól desmaia,
 Na vaga verde da recurva praia,
 De perolas, aspérolas, corais. —

Pelotas.

UMA DADIVA PRECIOSA DO DR. BORGES DE
MEDEIROS SOBRE 35 (*)

Bemdigo a alta commoção do momento em que, em Porto Alegre, tive, ha poucos dias, a felicidade benevola de travar conversação sobre a pagina de ouro de 35 e ouvir o que me disse, no sacrario de seu lar, a individualidade historica de Borges de Medeiros, o Ultimo Far-
rapo.

Ai illustre dr. Fernando Osorio,
em cujo archim historico melhor
figurava, este interessante manusc.
cripto, offereca

Borges de Medeiros

P. Alegre, 23-12-1934

(*) Fernando Osorio, "Correio do Povo".

Dr.
Dr.
O modelo das Janelas.

Dr.
N. B. Augusto

Em 8 d' Abril de 1847

N. B. Augusto

Fac-simile do frontespicio de um manuscrito de N. B. Aug. ???

Então, com a concordancia do maior dos Brasileiros vivos, lembrei como seria justo e tocante celebrar-se no proximo centenario desse poema politico da America, a

austera figura, entre outras esquecidas, da egregia pensadora patricia, da unica mulher brasileira que conheceu pessoalmente, em Paris, Augusto Comte e que, paladina da republica, precursora como foi da idéa federativa e da abolição dos escravos, dirigiu em 35, um Collegio no Rio Grande do Sul.

Já num romance de amor e de heroismo, "Fogo Morto", de acção passada nos prodromos desse soberbo esforço regenerativo que foi a Republica de Piratiny, eu intentara, ha quatro annos, dentro de minhas fracas possibilidades, evocar a eminente educadora que, em 1832, facto por muita gente ignorado, traduziu e publicou, em Porto Alegre, em 2.^a edição, o livro intitulado "Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens", por Mistress Godwin, devendo isto dar-lhe, sem favor, o titulo de precursora da emancipação feminina, no Brasil, quiçá na America, ha mais de cem annos tratando de tão palpitante materia. Nascera ella em silencioso recanto nordestino, ao que sei, em 1810, a 12 de Outubro, na povoação denominada Floresta, logarejo do Rio Grande do Norte, e seus paes (um portuguez casado com brasileira, Dionisio Gonçalves Pinto) deram-lhe o nome de Nisia Floresta Brasileira Augusta, nome que desperta a lembrança "do seio augusto da floresta brasileira, onde uma fada silvestre a tivesse baptizado de Nisia."

Encontrei, primeiro, sobre sua vida de publicista, eloquentes trechos citados em publicações do Apostolado positivista, referentes á redempção dos escravos, muito antes da promulgação da lei Rio Branco, e a sua imagem figura, já, num artistico alto-relevo commemorativo da

lei aurea de 13 de Maio, no Rio de Janeiro, no monumento a Benjamin Constant, ao lado de outras efigies immortaes como as de Castro Alves e José Bonifacio. Mas o que eu não sabia, nem poderia advinhar qualquer outro estudante impenitente que se tenha occupado de d. Nisia Augusta é que o dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros possuia, em sua bibliotheca de estadista e de jurista-philosopho, tão carinhosamente conservado em fina encadernação, um manuscripto, todo elle do proprio punho dessa senhora eminente e que teria a bondade nimia de me offertar, para que o aproveitasse, como uma joia para mim duplamente preciosa.

Trata-se de interessante, de formoso, de emocionante trabalho literario vasado em fórmula christã sobre peripicias da guerra dos Farrapos, datado do Rio de Janeiro em 1847, e desconhecido ainda do ultimo escriptor que falou de d. Nisia Augusta, em monographia, o anno passado, Roberto Seidl, — manuscripto impregnado de sympathia humana, por ella composto aos 37 annos de idade. Intitula-se "Fanny ou o modelo das Donzellas, por N. B. Augusta, em 8 de Abril de 1847. Collegio Augusto".

Averigui que este collegio foi o que ella dirigiu no Rio de Janeiro depois de ter chefiado ali o Collegio Brasil, vivendo do magisterio, com grande dedicação nessa primeira phase de sua attribulada existencia.

E só não conseguiu descobrir o nome da casa de ensino que no Rio Grande foi fundada por Nisia Augusta a despeito dos dados e informes seus contidos no opusculo "Fragments d'un ouvrage inédit" de sua lavra, publicado em Paris em 1878, tendo por assumpto principal a

terna narrativa da vida de seu idolatrado irmão Joaquim Pinto Brasil, que, orphão aos nove annos de idade, ficára sob seus cuidados, sendo elle o seu primeiro discipulo, o primeiro character que ella plasmou e que lhe despertou a vocação de educadora.

Tinha Nisia Augusta 22 annos quando traduziu "Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens" dado á publicidade, em 1.^a edição, no Recife, em 1832. Dez annos após, compoz para sua filha ler quando completasse 12 annos o livro "Conselhos á minha filha (1842), primoroso trabalho em que revive factos de sua existencia como a morte tragica do pae, assassinado, por questões politicas, em Pernambuco após a revolução republicana de 1817, facto que determinou-a a deixar o Recife e ao consequente refugio no extremo sul do paiz.

E tal como o senso architectonico desses "Conselhos", mais tarde vertidos pela autora para o italiano e, em 1858, impressos em Florença, — destinados pelo bispo de Mondovi a leitura nas escolas catholicas, — o manuscrito ora em meu poder "Fanny ou o modelo das Donzellas" é uma licção de moral cimentada nos alevantados ensinamentos da crença christã. Licção fulgurante que resolvi incorporar ao meu livro "Mulheres Farroupilhas", para illustrar essa modesta contribuição que acabo de entregar ao prélo, em Porto Alegre, primeira da série a ser editada pela Livraria do Globo.

Não se comprehende a omissão nos livros rio-grandenses dos nomes, gestos e feitos, das grandes mulheres inspiradoras das acções farroupilhas. Dizia, não ha muito um scientista francez, que a civilização grega morreu tão

cedo, principalmente porque esse povo inteiramente descuidára do problema da educação feminina, sabido como é que a grandeza de uma nação reside no principal orgão de uma sociedade — a Mulher. Senti-me feliz com receber uma tão preciosa dadiva do lar sadio de d. Carlinda de Medeiros, como foram sadios os lares em cujo modesto e doce aconchego se formou o povo com os dotes de alma que culminaram em 35.

Emigrára d. Carlinda, num exemplo de dedicação, para o Recife, como do Recife para cá emigrára d. Nisia Augusta ha mais de cem annos, radicando-se no Rio Grande dos Farrapos os seus sentimentos de pensadora de rara independencia e lucida comprehensão philosophica no trato dos problemas politicos e sociaes da humanidade.

Si o seu coração generoso pulsou, piedosamente, pela sorte e idealidades da familia rio-grandense, o seu espirito de eleição assimilou as suggestões da belleza e do bem. E, vinte annos antes de Tavares Bastos, ella realizou, no Rio de Janeiro, conferencias abolicionistas e de propaganda republicana, prégando a federação, — que foi o alto sonho da grande alma brasileira dos Farrapos!

Essa dama illustre, aos 43 annos, escreveu, em 1853, o "Opusculo Humanitario", entre muitos outros trabalhos seus, com cerca de 200 paginas, que grande repercussão teve em Portugal, merecendo fidalgo acolhimento de Alexandre Herculano pelas idéas proprias e pessoaes, explanadas com clareza e convicção, sobre a educação da mulher e o seu papel educador no destino dos povos, fructo, sobretudo das observações e estudo da autora, em plena maturidade espiritual. Ella se carteava e privava

com notabilidades mundiaes, como Lamartine, Littré, Dumas Pae, Saint-Hilaire, George Sand, Laboulaye, Victor Hugo, Alexandre Herculano, Augusto Comte e, abraçando a causa italiana, relacionara-se com Mazzini, Cavour e Garibaldi. Nella viu Augusto Comte, com a veneração que tinha pelo papel do catholicismo, os indícios de uma preciosa discipula, — a unica brasileira, como eu disse, que conheceu pessoalmente o philosopho de Montpellier.

Em carta dirigida a Audiffrent, de 29 de Março de 1857, Comte, seis mezes antes de fallecer, refere-se a um salão positivista que tencionava inaugurar e que seria presidido por d. Nisia e sua filha Livia (a sua querida Cezarina), frizando que seria para elle inestimavel o serviço prestado por estas “duas novas discipulas meridionaes, uma nobre viuva brasileira e sobretudo sua digna filha, respectivamente com 47 e 22 annos; moram em Paris ha sete mezes e tenho esperanza que alli fixarão residencia, afim de poder presidir ao verdadeiro salão positivista que a nós seria tão precioso”.

Ha um recibo de Comte, de 17 de Dezembro de 1857, em que declara lhe haver entregue Mme. Brasileira a quantia de cinquenta francos para sustentar a sua “existencia material” — quando elle no fim da vida, lutou com a doença e a penuria! A primeira carta dirigida por ella ao fundador da Sociologia foi de 19 de Agosto de 1856 e a ultima escripta por Comte foi de 29 de Agosto de 1857, seis dias antes d'elle fallecer.

E o pacifismo de d. Nisia Augusta, fel-a odiar Napoleão, o despota retrogrado, pacifismo esse que tambem, a identifica com as directrizes theoricas dos mentores do

movimento rio-grandense de 35, contrarios a dictaduras, quando, pelo decreto de 16 de Novembro de 1839, mostraram-se dispostos a realizar o programma positivo supprimindo o exercito permanente, com as unicas excepções dessa doutrina em relação a uma milicia civica. Infatigavel polemista, insigne por diversos titulos, poetisa, literata de valor, publicista erudita, sociologa e, acima de tudo educadora, autora de livros, viagens sobre a Allemanha, Italia e Grecia, onde meditou e escreveu intensamente, nunca esqueceu o Brasil, levando a patria na alma por todos os caminhos da sua peregrinação, e morreu d. Nisia Floresta Brasileira Augusta, em 29 de Maio de 1885, na cidade de Ruão, aos 75 annos de idade, na cidade do norte da França, que produziu Corneille e Fontenelle. O Rio Grande em 1935, ao celebrar as suas padroeiras, não póde olvidar Nisia Augusta, a mulher paladina que se bateu pela redempção da mulher brasileira; que exige um logar na historia da nossa pedagogia e que foi republicana e abolicionista, de convicções firmes, de alevantado humanismo!

Inestimavel a dadiva do dr. Borges de Medeiros (beijo-lhe as mãos por isso) para esse preito de justiça á austera figura dessa senhora “de belleza severa” que um antigo retrato, daguerreotypo, nos mostra, de brancos e anelados cabellos, repartidos á ingleza, olhar doce mas penetrante, physionomia intelligente “illuminada por uma expressão de immensa bondade”.

FANY OU O MODELO DAS DONZELAS POR
N. B. AUGUSTA

Em 8 de Abril de 1847

Collegio Augusto

Ao illustre dr. Fernando Osorio, em cujo
archivo historico melhor figurará este interes-
sante manuscripto, offerece

BORGES DE MEDEIROS.

Porto Alegre, 23 - 12 - 1934.

A capital de S. Pedro do Sul está situada em uma
risonha e agradavel Colina á margem oriental do rio Ja-
cuhy.

O habitante de Porto Alegre gosa do ponto de vista
o mais encantador e que póde despertar no homem a idéa
sublime do seu Creador. De um lado veem-se as aguas
dormentes do vasto rio lambendo as fraldas da Colina,
e trazendo ao porto embarcações carregadas de diversas

mercadorias de outras provincias do Imperio, e de diffe-
rentes nações do mundo; de outro avistam-se fertes cam-
pinas, semeadas aqui e alli de uma multidão prodigiosa
de flores, cujas differentes côres, formando o mais agra-
davel contraste, trazem á imaginação o quadro que se nos
traça desse Edem feliz onde a soberana Bondade de Deus
collocou o primeiro homem; quadro que é completado
pela simplicidade e lhaneza dos excellentes habitantes des-
ses campos, que ora descrevo. Chacaras, onde abundam
saborosos fructos da Europa, se offerecem aos olhos do
contemplador, que se extasia á vista da simetria com que
alli brotam as roseiras e os cravos de todas as qualidades
sem exigirem difficil cultura. As frentes da mor parte
dessas chacaras, coroadas de rosas, e como que situadas
por entre o azul do ceo, e o verde das montanhas, apre-
sentam no delicioso Outubro um panorama digno do pin-
cel de Raphael!

As vinhas pendentes com o peso de seus crescidos
cachos esperam o outomno para offerecer o nectar sob
a côr da perola ou do roxo violeta. O aveludado Pe-
cego, o saboroso Damasco, a rubra maçã, a roxa cereja,
e a linda Amora, succedem a estação das flores, e dão á
Céres um triumpho sobre Flora. Este delicioso paiz of-
ferencia em seu seio até 1835 tudo quanto o homem póde
desejar sobre a terra, a paz, abundancia, simplesa, e a
doce influencia de um clima sadio.

Gosava de todos estes bens na cidade de Porto Ale-
gre uma familia, que se compunha de seus chefes e nove
filhos.

Fany, a primogenita delles, contava apenas treze an-

nos, e as felizes propensões que ella annunciava já, promettiam aos caros autores de seus dias uma ventura que nada parecia disputar-lhes.

Fany frequentava um Collegio da Capital, cuja Directora, fazendo justiça a seu merecimento, lhe havia conferido depois de algum tempo o titulo de Monitora. Nesse lugar a jovem educanda, longe de inspirar ás suas companheiras um sentimento desfavoravel, attrahiu em pouco tempo pela sua doçura, amabilidade de character, e terna perseverança em transmittir-lhes as lições, que recebia da Directora, a geral estima mesmo das Collegiaes que não estavam sob a sua direcção. Seus progressos foram rapidos, todos que a conheciam admiravam-na, todos estavam maravilhados de suas nascentes qualidades, sómente ella as ignorava porque a mais perfeita modestia coroava todas as outras virtudes.

Ella estava certa de que a obediencia filial e o desempenho exacto dos deveres de uma donzela era uma lei que Deus escrevera no coração desta, e extranhava que o simples cumprimento desta Lei pudesse attrahir-lhe tantos elogios. Demais, o monstro devorador das qualidades das mulheres, a desprezivel vaidade, não havia infeccionado sua alma candida com seu pestilento halito; e quando nos salões ella ouvia o seu elogio passar de bocca em bocca, o mais lindo rubor lhe assomava ás faces e procurando occultar-se por entre as outras, dir-se-ia que ella havia commettido alguma falta que desejava subtrahir aos olhos de todas.

Esta rigorosa modestia era tanto mais apreciavel, quanto Fany possuia já na idade de quinze annos incom-



Nisia Floresta — 1810-1885

pletos qualidades que lhe attrahiam por toda a parte repetidos encomios.

Mas, ella sabia que se era bella, não era a si que devia esse futil e fragil attractivo que nenhum merecimento só de per si tem. Se mais progressos fazia nos estudos do que suas companheiras, attribuia-os, não á menor capacidade daquellas, mas sim a um acto em seu favor da sabia Providencia, que lhe tendo dado onze irmãos depois della, a destinava talvez para dirigir um dia a educação de alguns delles.

Vestida sempre com asseio e gosto, mas sem nenhuma affectação em seus atavios que eram sempre os mais simples, Fany não aspirava á outra ventura que ser util a seus pais, a quem amava com a mais profunda dedicação.

Que quadro interessante representava ella quando, voltando do Collegio, punha de parte os livros e se achava rodeada na casa paterna de seus irmãosinhos, occupada em pensar ella mesma nos mais pequenos e poupando á sua bôa mãe o peso dos trabalhos domesticos que, longe de desdenhar, sabia ao contrario, que é a pratica delles que, reunida á outras qualidades, póde conferir á mulher o nobre titulo de — bôa mãe de familia!

Quando acabou a sua educação, era ella quem dirigia sob as ordens de sua mãe todo o governo da casa; cosia a roupa de seus irmãos, tratava de sua mãe com uma devoção angelica; e, longe de assemelhar-se a essas jovens que apenas deixam de ser collegiaes, folgam de haver recobrado uma cousa que chamam liberdade, e que lhes permite dormirem até alto dia, passarem a mor parte delle

despenteadas ou á janella, aborrecendo os livros, em que grande parte dellas não pegam mais ou lêem sem fruto, Fany, no meio de tantas occupaões, achava tempo de empregar-se em cultivar os estudos, que havia aprendido, e conservar uma correspondencia diaria com aquella que havia cuidado de sua educação.

Approximava-se porém o momento em que tão brilhantes qualidades, e virtudes iam ser submettidas á mais rude prova. O Anjo de paz, que até então havia preservado aquella fertil Provincia dos golpes da rebellião, que nas mais provincias do Imperio tantos e tão assignalados estragos, ha longos annos fazia, voando para a etherea morada, pareceu abandonal-a durante quasi dez annos! Os clarões da aurora do memoravel vinte de Setembro de 1835 desdobraram aos olhos dos habitantes da capital o primeiro painel da rebellião daquelle ponto até então asylo feliz dos perseguidos por ella nas demais provincias. O rio estava coberto de hiates que conduziam de uma á outra de suas margens os rebellados, e em menos de uma hora a capital estava em poder delles; o presidente e as demais autoridades, assim surprehendidas, foram obrigados a depôr o Governo entre as mãos dos que para elle foram nomeados a despeito da Lei que os excluia.

Enquanto tinha lugar esse grande movimento, e quando mesmo entre as mulheres algumas, esquecendo as virtudes pacificas de seu sexo, elevavam o grito amotinador de particulares vinganças, profanando o santo nome de liberdade em seu fatal entusiasmo, Fany, no recinto de seu quarto, dirigia ardentes préces ao Divino Autor da Natureza para que protegesse os dias de seu pae, de seu

pae que imprudente commandava uma das forças rebeldes; seu pae que surdo á voz do dever que o chamava junto á uma esposa virtuosa e doze filhos, correrá a empenhar-se em uma guerra civil, murchando dest'arte os louros que havia colhido nas fileiras legaes quando combatera outr'ora o estrangeiro em defesa de sua partia!

Entretanto o primeiro successo dos rebeldes, tendo excedido á toda sua expectativa, deu ás familias destes uma esperanza de haverem de tocar a méta da felicidade, e frequentes applausos pareceram assegurar a sua causa.

A mãe de Fany seguiu a torrente tempestuosa de um entusiasmo que contrastava singularmente com a harmonia de suas doces paixões até então; deslumbrada pelo bom resultado daquelle primeira tentativa, via em seu marido um dos principaes reformadores do Governo, que se pretendia estabelecer, e exaltando-se em uma occasião em que foi necessario seu marido ir á frente de uma força combater uma outra contraria, ella exclamou, como uma antiga Espartana: "Vae, eu cuidarei em tua ausencia de nossos filhos; repelle os inimigos de nossa patria, e não voltas se não voltas victorioso!". A sensivel Fany pelo contrario sem proferir uma palavra que ferisse o que seu pae chamava nobre patriotismo, com sua mãe apresentava, em sua nudez, um contraste singular com aquelle entusiasmo, que tão pouco se accordava com a doçura e timidez natural de seu excellente character. Ella implorava ao creador pelos caros autores de seus dias, e continuava com mais ardor nos seus exercicios diarios, sem que aquella mudança politica tão vantajosa para seu pae, tivesse em nada influido sobre seus habitos ordinarios.

A caridade era uma de suas primeiras virtudes e da qual sua mãe lhe tinha em sua infancia dado o mais edificante exemplo, e nunca sua bondade se ostentava mais do que quando ella tinha um pobre a consolar em sua miseria.

E assim ella recebia ao mesmo tempo as economias dos grandes e as benções dos indigentes para quem obtinha sempre de sua mãe algum soccorro.

Todos repousavam tranquillos na cidade de Porto Alegre em a noite de quinze do mez de Junho de 36, quando uma reacção do Governo legitimo foi alli operada, e aquelles da rebellião que se não poderam evadir, foram trancados em duras prisões.

O sól veiu esclarecer uma scena bem diversa daquella que ha mezes alli tinha sido representada. Aqui começou a perseguição dos *rebeldes* a que não escaparam mesmo as familias destes que outro crime não tinham sinão o de terem seguido, em silencio, muitas as opiniões de seus esposos, irmãos ou paes.

Umás presas, outras deportadas, soffriam agora a pena que sómente aquelles haviam merecido, e aquellas que haviam ficado em suas casas na capital estavam expostas á toda a sorte de insultos, que o povo nestas circumstancias nunca deixa de dirigir ao opprimido.

Emquanto na capital se passavam essas scenas desagradaveis, consecuencia sempre de uma guerra civil, no campo dois formidaveis exercitos se batiam, ambos Rio-Grandenses, ambos irmãos d'armas, um contra o outro, fazendo assim gemer a humanidade lacerando seu proprio seio!! As familias dos rebeldes que se puderam livre-

mente escapar da capital achavam-se confusamente de entre os exercitos em que combatiam seus chefes, expostas como estes ás balas inimigas. Em um renhido combate entre os dois exercitos uma das carretas que conduziam estas deploradas familias, approximou-se imprudentemente do lugar onde o fogo era mais vivo, e, de repente, um chuveiro de balas cahiu sobre ella! Quaes serão as victimas que ella contém!! Era Fany, sua mãe, e seus irmãos, que vendo seu pae e seu esposo empenhado no calor da batalha, quizeram, em sua desordem, approximar-se d'elle, e subtrahil-o, se fosse possivel á morte!! Fany, a mais modesta, a mais timida das Donzelas, não hesita então de entranhar-se pelo meio de uma tropa de guerreiros sempre ferozes no calor das batalhas, para seguir sua mãe, que delirante quer ver e quer livrar seu pae da morte que adejava sobre sua cabeça!

Tão *heroica* coragem, tão sublime sentimento filial achou apoio no seio da Divindade; porque Fany e sua familia ficaram illesas das balas que em direcção da carreta em que ellas iam, caíram a seus pés deixando apenas espavoridos de susto os seus mais jovens irmãos. Foi então que Fany desenvolveu grandemente todas as virtudes de seu sexo: animava com as suas doces caricias a mãe abatida, cuidava os irmãos, prestava soccorros aos que cahiam feridos a seus pés, rompendo suas roupas para estancar o sangue que corria de suas feridas, e impondo um religioso respeito aos soldados, que a contemplavam tão bella, e tão jovem no meio delles!

Cessou o fogo, a victoria declarou-se pelo partido de seu pae que commandava naquelle ponto; mas ai de Fany!

Alguns dias depois, esse pae que ella amava ternamente e que tinha resistido ao furor dos combates, cahe victima de uma trahição na passagem de um bosque onde não cria o inimigo.

Eil-a, pois, orphã com uma numerosa familia, no meio de uma campanha, onde bem depressa novos combates ensanguentaram a terra, não lhe deixando quasi os primeiros recursos da vida. Mas Aquelle que protege a innocencia, e prepara a corôa á virtude podia desamparar Fany em sua orphandade? Não, por certo, que é na adversidade onde os seus filhos dilectos experimentam mais os seus beneficos effeitos. Em sua desgraça desprovida daquelles meios que mais deslumbram os homens quando tratam de fazer uma união, ella teve partidos, mas querendo viver sómente para sua mãe e seus irmãos ao menos por alguns annos ainda, renunciou ao casamento, e encarou resignada com sua mãe a pobreza, e o desdém de um povo, cuja causa seu pae não havia seguido. Sempre bôa, sempre docil aos conselhos dessa mãe que ella adorava, sempre modesta e attenciosa com toda a sorte de pessoas. Fany em sua pobreza como no tempo de sua prosperidade attrahia a admiração dos que a conheciam. E se ella gemia sob o peso de seu infortunio era pela perda de um pae, de cuja morte nunca se consolou, ou porque o seu bem estar passado não vinha agora adoçar ao menos os dias de sua triste mãe e irmãos por quem ella sómente sentia a privação de sua fortuna.

Oito annos volveram-se assim para Fany, durante os quaes jamais uma queixa contra os Decretos da Providencia sahiu de sua bocca. Era verdadeira filha christã

que soffria em consequencia dos males que seu pae havia attrahido sobre sua cabeça, sem murmurar, nem levemente, da conducta d'esse pae, cuja memoria ella religiosamente respeitava!

Era tempo do Eterno enviar-lhe a corôa que lhe haviam preparado suas virtudes.

O Governo Imperial comprehendeu as necessidades daquella famosa provincia, e empregou, afinal, os meios de a chamar o seu gremio. Uma amnistia geral fez esquecer odios inveterados, e por uma bondade especial do chefe da Nação todos os rebeldes ficaram em seus antigos empregos, gosando dos seus direitos.

Fany era de uma das principaes familias daquelle paiz, e, por consequencia, achou-se de posse de todos os bens que pertencem agora á sua mãe, do meio soldo de seu pae, e, o que é mais, da estima geral de um povo, que apregôa as suas virtudes, e entre o qual ella vive hoje no goso dos mais puros prazeres domesticos, rodeada de sua familia, occupada ella mesma na educação de seus irmãozinhos a quem ama com idolatria. Ao vel-a assim, ou nos melhores circulos da capital recebendo com a sua inalteravel e encantadora modestia os respeitos de todos, crê-la-iam perfeitamente feliz, si uma lagrima não trahisse, ás vezes, a saudade e a dolorosa lembrança de seu pae.

Possam todas as Donzelas e principalmente aquellas para quem escrevi estes ligeiros traços da historia de Fany, imitar suas virtudes, e excitarem uma penna mais habil do que a minha para descrevel-as!

JUIZO CRITICO

...Palavra fulgurante a de Fernando Osorio. Apaixona e convence entre os arroubos de uma eloquencia magnetica.

João Neves da Fontoura.

...Opulenta a obra de arte e patriotismo de Fernando Osorio.

Alcêu Wamosy.

...Intrepido pioneiro da cultura civica do Rio Grande.

João Maia.

...Fernando Osorio, brilhante suscitador das energias raciaes.

Mansueto Bernardi.

...Fernando Osorio — o constructor.

Augusto Meyer.

...Mentalidade arguta e agil, dotada de grande capacidade de trabalho.

João Pinto da Silva.

...Fernando Osorio — interprete do espirito e do coração da sua terra, nobre coração, mixto de orgulho, altivez e meiguice, que lhe bate ao peito, bem rio-grandense e bem humano, formosa personalidade literaria, escriptor, orador, historiador futuro do Rio Grande que elle será. Quando, pela primeira vez, falou, no Rio de Janeiro, deu-me a impressão de uma chamma a arder e a crepitar, como a lenha das nossas restingas e dos nossos capões. O santuario historico dos nossos heróes elle o tem no cerebro e no coração.

Alcides Maya, da Academia Brasileira de Letras.

...Incontestavelmente tenho diante de mim um dos autores mais fecundos e mais extraordinarios da sua geração.

Rocha Pombo, da Academia Brasileira de Letras.

...Eu tenho a impressão que Fernando Osorio escreve com um sorriso nos labios e uma claridade solar nas pupillas, impregnando o que escreve da alegria communicativa do seu estylo tão pessoal, do seu entusiasmo palpitante.

De Souza Junior.

...Sua penna é a Phoenix que resurge das cinzas de uma epocha. Fernando Osorio é bem o reconstructor de nosso passado. Ergueu alto e levou longe o nome e a fama do nobre espirito gaúcho.

Walter Spalding.

...E' Fernando Osorio o estatuario desse monumento que a Constituição do Estado determina seja levantado aos Farroupilhas symbolisando nestes toda a grandeza do Rio Grande. Elle o vae construindo com amor e arte e não sei de outro que melhor o fizesse. Póde ficar satisfeito o autor de Fogo-Morto, livro no largo sentido da expressão — tem estylo, tem these, tem technica, faz

par a Ruínas Vivas, de Alcides, o único livro, até o de Fernando Osorio, que o Rio Grande produzira.

Augusto de Carvalho.

(director da Instrução Publica do Estado).

...Escriptor de linha e de raça, que enche de orgulho Pelotas. A sua suggestiva prosa é uma constante exaltação. Educa fazendo proselytos.

João C. de Freitas.

...Fernando Osorio, estylista vigoroso, o grande romancista da gente extraordinaria do Rio Grande. Forte personalidade artistica servida por um conhecimento invulgar da nossa historia, alma de idealista amoroso, de verdadeiro Poeta da Historia e intelligencia de nitida orientação philosophica, admiravel cantor do Rio Grande.

Salis Goulart.

...Patriota como poucos e character puro. O espirito de Fernando Osorio é uma chamma viva. Palavra rythmada e vasta, a que dá a sua cultura uma força de expressão característica.

Pedro Vergara.

...Serviço de primeira ordem prestado ás letras patrias a Historia do General Osorio.

Alfredo Varella.

...Bello e superior espirito o de Fernando Osorio autor de "Fogo-Morto" e de tantas obras-primas de bôa e inspirada litteratura.

Berilo Neves.

...Fernando Osorio é bem uma radiante figura de animador nas letras rio-grandenses. Os seus numerosos trabalhos marcam-lhe lugar de relêvo na mentalidade gaúcha. E' o dono feliz de um entusiasmo são e alto, cuja emoção amavel elle tem a arte subtil de nos communicar.

Othelo Rosa.

...Si em cada municipio existisse um Fernando Osorio, o Rio Grande teria commemorado o centenario do Brasil com uma obra monumental.

Souza Docca.

...Na visão de Fernando Osorio, a figura do gaúcho se projecta no coração maior do Brasil — numa formosa campanha de idéas generosas de que elle se tem feito verdadeiro campeão.

Victor Russomano.

...Livro indispensavel o Espirito das Armas a todo o brasileiro, em quem o amor da patria não seja um sentimento rhetorico.

João Ribeiro.

...Primeira obra verdadeiramente nacional, pelo seu character educativo, sob todos os aspectos.

Emilio Kemp.

INDICE

	Pgs.
Obras de Fernando Osorio.....	2
A noiva de Garibaldi (Ida Barbachan Hennemann).....	51
A noiva de Garibaldi (Barcellos Ferreira).....	52
Uma dadiva preciosa do Dr. Borges de Medeiros sobre 35...	54
Fac-simile do frontespicio de um manuscripto de N. B. Aug.	55
Fany ou o modelo das Donzellas por N. B. Augusta.....	62
Juizo Critico	72

EDIÇÃO
N.º 711

Para pedidos telegraficos deste livro, basta indicar o numero 711
antepondo a esse numero a quantidade.

Exemplo: para pedir 10 exemplares do presente livro basta indicar:
GLOBO — Porto Alegre — 10711.

A "SÉRIE FARROUPILHA" — De Fernando Osorio.

A publicar, da lavra de Fernando Osorio filho, membro do Instituto Histórico do R. G. do Sul e da Academia Rio-grandense de Letras:

I

AS MULHERES FARROUPILHAS E A SOCIEDADE DE 35

II

A GRAÇA E O LYRISMO HEROICO DOS FARRAPOS

III

A CONSCIENCIA JURIDICA DOS FARRAPOS E A SUA POLITICA INTERNACIONAL

IV

AS CAUSAS UNIVERSAIS DA JORNADA DE 35 E A CULTURA DOS FARRAPOS

V

O FARRAPO PERICO EL BAILARIN

VI

A BRASILIDADE AMERICANISTA DOS FARRAPOS

VII

O "NOSSO GARBALDI" E A PELOTENSE MANOELA

VIII

PELOTAS-FARROUPILHA (Sua preponderancia organica na revolução de 35)

IX

RUMO REPUBLICANO FARROUPILHA

X

A MISSÃO DA IMPRENSA FARROUPILHA

XI

A RELIGIOSIDADE DOS FARRAPOS

XII

PHILOSOPHIA DA GUERRA DOS FARRAPOS

Mortos que voltam á vida!

Vultos illustres da Humanidade são roubados á Morte e tornam a viver suas vidas maravilhosas diante dos olhos do leitor.

O milagre das biographias romanceadas...

LEIA AS SEGUINTEs BIOGRAPHIAS
EDITADAS PELA LIVRARIA DO GLOBO:

Emil Ludwig — HINDENBURG

G. Papini — DANTE VIVO

L. Feuchtwanger — O JUDEU SÜSS

Balmaceda Cardoso — OSCAR WILDE

O. von Wertheimer — CLEOPATRA

Reinhold Schneider — FELIPPE II

Oswaldo Orico — SILVEIRA MARTINS

Erico Verissimo — A VIDA DE JOANNA

D'ARC

Lindos volumes! Leitura atrahente e proveitosa!

————— Grandes vidas! —————

Edições da Livraria do Globo — Porto Alegre